

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

X

Nº. de referência: 2

Título: "O MURO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): NICOLAY, ALDO

Adaptador: REBELO, LUIZ FRANCISCO

Realizador: LEITÃO, RUI

Locutor: ?

Data de produção:

Data de Emissão: 1/3/1976

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JOÃO LOURENÇO	ELE
IRENE GRUJ	ELA

Estado de conservação: Bom  Razoável  Mau

Tipo de Suporte:

Original  Cópia

Registo Sonoro: Sim  Não

Nº do Registo Sonoro:

Revis

(V.S.F.F.) ⇨

**Notas:**

- DIREC. ARTÍSTICA - MORAIS E CASTRO

**Indexação:** TEATRO RADIOFÔNICO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Nome do Aluno	Matrícula
Data de Matrícula	ESCALA
Assinatura do Professor	Assinatura do Diretor
Assinatura do Pai	Assinatura do Aluno

Original

"O Muro"

de Aldo Nicolaj

Tradução e adaptação de

Luiz Francisco Rebelo

Personagens:

ble  
pla

— x —

O M U R O

\*\*\*\*\*

Peça em um acto de  
ALDO NICOLAJ

Tradução e adaptação radiofónica de  
LUIZ FRANCISCO REBELLO

( Um leve murmúrio de vento.

Passos leves de mulher que se aproximam, hesitam, páram,  
recomeçam a andar e de repente tornam a parar.

Logo a seguir, ouve-se ao longe uma voz do homem que rí-  
pidamente se aproxima, acompanhada de passos em correria.)

ELE- Cuidado! Cuidado! Por amor de Deus, que vai fazer?  
Olhe que cai! (Já em primeiro plano.) Desça do para-  
peito, conhora! Eu ajudo-a. Mas que ideia era a sua?  
Por amor de Deus, minha conhora! Se caí<sup>ssa daí, não</sup> ~~caí~~  
chegava lá abaixo inteira... São mais de cinquenta me-  
tros!

ELA- (resistindo, voz aruda) -Deixe-me... deixe-me... Não me  
toque... que tem o senhor com a minha vida? largue-me,  
já disse!

ELE- Por favor, minha senhora... Acalme-se! (ruidos de debate)  
Então, minha senhora! Mas que disparate é esse?! Ai! Mor-  
deu-me!

ELA- Que quer o senhor de mim? Quem lhe deu o direito...

ELE- Quero impedi-la de fazer uma tolice. Acalme-se, por amor  
de Deus! Está nervosa, exaltada... não sabe o que faz...  
Sente-se, descanse.

ELA- Aviso-o de que, mal o senhor desapareça, subo outra vez ao  
parapeito e atiro-me daqui abaixo. Veremos quem leva a me-  
lhor.

ELE- Nesse caso não arredarei pé daqui.

ELA- Há-de acabar por cansar-se.

ELE- Antes de me ir embora chamarei a polícia...

ELA- É que tem a polícia a ver com isto? A minha vida é só a mim  
que pertence, tenho o direito de dispor dela como entender,  
desde que não prejudique os outros.

ELE- Podem interná-la numa casa de saúde.

ELA- É assim que sair voltarei a fazer o mesmo. Subo ao parapeito  
e atiro-me do muro abaixo.

ELE- Não atira.

ELA- Atiro-me! Atiro-me! Atiro-me! ( E rompe a soluçar.)

BLE- (em tom afectuoso) :- Então... Coragem... Não deve entregar-se assim ao desespero... São momentos difíceis, eu sei, mas é preciso reagir... Se deixamos que o desespero tome conta de nós...

ELA- (timidamente) :- Quero morrer... Quero morrer...

BLE- Vamos, coragem... Juro-lhe que a compreendo muito bem... Há momentos em que parece termos chegado ao extremo limite das nossas resistências... Momentos em que o sofrimento nos obscurece a razão... Porque só um grande sofrimento é capaz de nos transtornar o espírito ao ponto de nos levar a um gesto desses...

ELA- (entre solucos) :- É isso...

BLE- A vida é dura, eu sei... Exige-nos às vezes provações terríveis... quase insuportáveis... Eu que o diga! Mas é preciso ser forte, reagir... (num tom mais carinhoso) Desculpe-me se à becaído fui um pouco violento consigo... Mas não havia outro remédio. Quando a vi de pé, em cima do parapeito, senti o sangue gelar-me nas veias... Durante um segundo tive medo de não chegar a tempo... Com que remorso teria ficado! Apesar de tudo, apesar de todas as contrariedades, a vida é uma coisa demasiado bela para se desperdiçar dessa maneira estúpida... Não lhe parece agora? Vamos, não pense mais nisso, já passou. Passou, não é verdade? (Um silêncio.) Quer um cigarro?

ELA- (num tom completamente diferente, desprezado) :- Como é que o senhor é capaz de fumar essa porcaria?

BLE- (timidamente) São os únicos que estão ao meu alcance...

ELA- Obrigada. Prefiro os meus. Quer um?

ELE- (aceita; ruído de fósforos que se riscam. Uma pausa.)  
Sente-se agora melhor?

ELA- ( friamente ):- Não se iluda. Se não consegui à pouco deitar-me do muro abaixo, hei-de fazê-lo assim que puder. A minha decisão há muito que está tomada.

ELE- Mas diga-me ao menos porquê!

ELA- ( como se ele nada tivesse dito ): Posso também escolher outro sítio... mais calmo, mais isolado... Para o que a vida me serve...

ELE- Mas que lhe aconteceu para a pôr nesse estado? Um grande desgosto? um luto? a morte de uma pessoa querida?

ELA: A vida; meu caro senhor, não é mais do que uma ironia monstruosa do destino...

ELE- Então, se não foi um desgosto, foi o quê? um problema económico?

ELE- ( continuando a ignorar as perguntas dele ):- Que pode fazer uma mulher como eu para dar um sentido à sua vida? Nada! Por isso, o melhor é acabar com ela de uma vez para sempre!

ELE- Não deve dizer isso. Pense na sua família, nos seus... no desgosto que lhes vai dar... Pense nos outros...

ELA ( com ironia ) - Os outros...!

ELE- A MENOS QUE seja por uma desilusão sentimental...

ELA- ( de repente ) Mas que tem o senhor a ver com a minha vida?  
Meta-se na tua, vá-se embora, e deixe-me em paz! ( Levanta-se )

ELE- Para depois a senhora voltar a subir a esse muro e atirar-se dele abaixo? Tenha paciência; não sairei daqui enquanto não a convencer a mudar de ideias.

ELA- Pode experimentar à vontade. Verá que não consegue.

ELE- Consigo.

ELA- Não consegue. ( Subitamente enfurecida ) Ah, se não fosse a sua estúpida intromissão, tudo a estas horas estaria já resolvido. Para o que a vida me reserva...

ELE- E que sabe a senhora? Também eu já me tenho visto em ocasiões difíceis, em que a vida parece impossível de suportar... Se eu não tivesse confiança nela, teria feito o mesmo que a senhora... Porque sofri muito, acredite... Fui traído da maneira mais triste... mais dolorosa... Quanto me custou dominar os meus sentimentos, esforçar-me por vencer a crise... Perdi o sono, a tranquilidade... Passei noites a morder as mãos, a soluçar... Porque, no fundo, eu sou um emotivo, um sentimental... É isso que nos faz sofrer... A senhora deve ser como eu; é uma coisa que se vê logo. Queremos que haja alegria à nossa volta, mas pesa-nos a nossa solidão. Porque os outros, para nós...

ELA- Os outros metem-me nojo...

ELE- Não diga isso, minha senhora! Há ainda neste mundo gente honesta, decente, pessoas capazes de restituírem a confiança a quem a perdeu...

ELA- Não perca o seu tempo. Eu não sou uma dessas mulherzinhas históricas e volúveis, que se deixam convencer pelo primeiro que lhes aparece. Se resolvi matar-me, é porque tenho as minhas razões para isso. A si agrada-lhe viver? Pois viva à sua vontade! Até aos cem anos, se isso lhe dá prazer! Eu, por mim, estou farto deste mundo. O simples facto de respirar dá-me náuseas. Odeio o mundo.

ELE-E no entanto, apesar de tudo, o mundo é belo...

ELA- Não me faça rir!

ELE- Estou a falar a sério. Olhe o céu: que maravilha! Todas estas estrelas... aquela lua...

ELA- Não me fale da lua. Detesto a natureza.

ELE- Toda a natureza? O mar também?

ELA- As ondas fazem-me enjoar.

ELE- E o campo? Na primavera, por exemplo, quando a erva cresce, as flores se abrem...

ELA- Sofro de asma dos feno.

ELE- As montanhas, então...

ELA- Só servem para nos atirarmos delas abaixo.

ELE- Mas se a criação a deixa indiferente, ao menos as criaturas....

ELA- Ainda menos! Odeio os animais, de todas as raças e espécies, as crianças aborrecem-me, os adultos fatigam-me, os velhos repugnam-me...

ELE- Não é possível que seja assim tão fria... que tenha um coração tão frio... que nunca tenha sentido um frêmito de amor... ( Ela ri, com sarcasmo. )  
De que está a rir?

ELA- É o senhor que me fala de amor? O senhor, que ainda há bocados me confessou ter sofrido uma grande desilusão conjugal? ( Uma pausa ) Quem havia de ser... E se calhar com o seu melhor amigo... aquele em quem menos confiava.. ( Nova pausa. ) E como é que acabou? Surpreendeu-os?

ELE- Foi uma coisa terrível...

ELA- ( com uma certa ironia ): - Imagino... E... Perdeu-lhe?

ELE- ... por causa dos filhos... E ela, coitada, chorou tanto, mostrou-se tão arrependida...

ELA- Se o senhor acredita no arrependimento das mulheres...!

ELE- É porque a senhora não conhece a minha mulher...

ELA- Nem quero! Ou pensa que a sua história me interessa para alguma coisa? ( Pouca pausa. ) Como é que fez para se reconciliar com a vida? Mergulhou a fundo no seu trabalho, não?

ELE- ( evasivo ): - De certo modo... Tenho um emprego banal, sem interesse... Trabalho há vinte e três anos no mesmo escritório, a fazer todos os dias as mesmas coisas, a repetir os mesmos gestos...

ELA- Tem filhos?

ELE- Dois. Um rapaz e uma rapariga.

ELA- Gostam de i, ao menos?

ELE- Pense que sou um bom pai para eles: meigo, afectuoso...

ELA- que idade têm?

ELE- Ele dezasseis e ela catorse anos.

ELA- ( com um riso irónico ):- quer dizer que já estão forma-  
dos, que têm já todos os maus hábitos, as feias, os ví-  
cios próprios da tua idade...

ELE- Não, não... Os meus filhos são ainda muito ingênuos...  
umas verdadeiras crianças...

ELA- ( como acima ):- Crianças...! Hoje um rapaz com deza...ois  
anos e uma rapariga com e. terço são já totalmente indepen-  
dentes... Fazem só o que lhes apetece... e não se privam  
de nenhuma experiência.

ELE- Mas os meus filhos não... Passam o dia na escola, não saem  
à noite...

ELA- Tem a corteza? Que faz o senhor de noite?

ELE- Duro... Chego sempre a casa tão cansado do trabalho...

ELA- E quem lhe garante que, enquanto o senhor está a dormir<sup>2</sup>  
eles não saem de casa para viver a sua vida? De resto,

é talvez melhor assim. Estão mais preparados para a vi-

da de que nós estávamos, na idade deles. É certo que para os pais custa um pouco aceitar esta situação. Mas isso que importa? O senhor está contente, não se queixa... E terá possivelmente outras satisfações... digamos de ordem sentimental...

ELB- Ganho tão pouco... Há muito que desisti dessas coisas.

ELA- É natural; na sua idade...

ELB- Tenho quarenta e cinco anos.

ELA- Só? Parece ter mais vinte, pelo menos... E como não se pode dizer que seja bonito... Além disso, com o seu ar cansado e triste, a sua cor cinzenta... (De repente...) O senhor não terá uma doença grave? Devia consultar um médico. Com a saúde não se brinca. E às vezes, quando menos se espera... (Num tom mais desprendido.) Digo isto por si já que se mostra tão apaixonado pela vida... Se bem que a sua não me pareça justificar essa paixão...

ELB: Contento-me com pouco... Passar um domingo no campo... estender-me à sombra duma árvore... ouvir cantar os pássaros e olhar para o céu sem pensar em coisa nenhuma...

ELA: É isso; só se é feliz quando não se pensa em coisa nenhuma. Porque se pensamos... Com todos estes voos espaciais, estes satélites, estas explosões atômicas... Estamos condenados meu caro senhor! Condenados a ir pelos ares, quando a terra explodir!

ELB- A terra vai explodir?

ELA- Não certo como dois e dois somam quatro. Mas que sabe o senhor disso, o senhor que se comove com o canto dos pássaros e a sombra das árvores...

ELE- Resignei-me... Habituei-me a aceitar a vida como ela é...

ELA- E o que lhe deu a vida em troca? Um emprego estúpido, uma mulher que o engana, filhos que o dopresam, uma existência miserável, em suma... Tem quarenta e cinco anos e parece ter setenta, fuma cigarros ordinários, sofre de uma doença grave e nem dá por isso... Qualquer outra pessoa, nas suas condições, já teria acabado há muito com uma vida dessas!

ELE- Desculpe, mas a senhora está a exagerar... Admito que a minha vida não seja uma maravilha, mas enfim...

ELA- Homem, não seja parvo! De que lhe serve esse optimismo idiota? Reconheça ao menos que é um infeliz... um desgraçado...

ELA\_ É certo que a vida não foi generosa consigo... Mas tenho deveres, obrigações para com os meus filhos...

ELA- E tem a certeza de que são seus?

ELE- Parecem-se tanto comigo...

ELA- Parecemo-nos todos... Temos todos dois olhos, uma boca, um nariz... Com um pouco de boa vontade, somos todos parecidos uns com os outros. E que há de comum entre o ce-

nhor e os seus filhos? Nada, já me disse. São como estranhos...

ELE- Eu conheço a minha mulher... Estamos casados há vinte e dois anos, e só uma vez...

ELA- ( Interrompendo-o, implacável ) Há vinte e dois anos! E o seu filho mais velho tem de sessenta e seis anos! Acha isso natural? De resto, quem poderia censurá-la? O senhor passa o dia no seu trabalho, chega a casa estafado, só lhe apetece descansar... E com o pouco que ganha, que pode oferecer-lhe?

ELE- ( Já pouco à vontade ) Bem, eu...

ELA- ( Continuando ) Aposto que a sua mulher, sempre que aparecia com um vestido novo, um colar de pérolas ou um anel que o senhor não conhecia, lhe explicava que os tinha comprado com as suas economias...

ELE- É verdade...

ELA- E o senhor, ingênuo como é, acreditava! Com a mesma ingenuidade com que acredita na vida! Quer que lhe diga? Tenho pena de si! Pena de ver que, doente como está e trabalhando como trabalha, nem a sua mulher nem os seus filhos se preocupam consigo...

ELE- Mas eu não estou doente... isto é; não me sinto...

ELA- ( interrompendo-o )

Que sabe o senhor? Já se viu ao espelho? Olhe bem para si!

( Ruído dum espelho que cai no chão e se parte )

Desastrado! Mas não admira; é esse tremor constante das

suas mãos...

Como é possível que o senhor

não tinha consciência da sua desgraça... que não se apercebe de que a sua família o explora, que todos o desprozam, fazem troça de si... E tudo isso o senhor aguenta, só porque ouve cantar um pássaro em cima duma árvore... Pobre infeliz!  
( E de repente, ele começa a soluçar desesperadamente ) Pronto!  
Agora desata a chorar...

ELI- ( entre soluços ) : É que nunca... nunca tinha pensado nisso...

ELA- Em quê?

ELI- Em como é estúpida a minha vida... e inútil, vazia...

ELA- Melhor para si... Quanto mais sofre, mais contente fica...  
Sabe que o admiro? Eu no seu lugar já tinha acabado com tudo.  
há muito tempo! Mas nem essa coragem o senhor tem!

ELI- Que coragem?

ELA- De se atirar deste muro abaixo, por exemplo...

ELI- Engana-se! Agora já me sinto com coragem para isso. De que me serve continuar a viver?

ELA- Para ouvir cantar os pássaros... Para se deitar à sombra das árvores...

ELI- Andava iludido... Recusava-me a ver o mundo como ele realmente é... Não por optimismo, mas por estupidez. E a senhora, folizmente, abriu-me os miseráveis olhos...

ELA- Eu? NÃO... Limitei-me a dizer-lhe o que pensava...  
É que não sou optimista, nem sentimental... Prefiro  
morrer em beleza a tor de suportar a velhice, a deca-  
dência, a ruína física...

ELE- Tem razão. A senhora é que tem razão. Não há outra coi-  
sa a favor. Dê-me a sua mão.

ELA- A minha mão, para quê?

ELE- Para saltarmos juntos este muro.

ELA- Juntos?!

ELE- Já que chegámos os dois à conclusão de que não tem sentido  
viver...

ELA- Mas os dois juntos... Não me parece bem... O senhor é um  
homem casado... Sabe-se lá o que irão pensar as pessoas...

ELE- Bem me importa a mim o que as pessoas queiram pensar depois  
do eu morrer... É que belo exemplo, que vingança estrondosa!  
Estou a ver daqui os títulos dos jornais... Na primeira pá-  
gina... Um homem e uma mulher recusam o mundo que o recusou a  
eles!...

DIA- Sim, mas... cada um por conta própria... Parece-me mais ab-  
rio...

morrer comigo? (Triste, desiludido). Porque já não

ELE- Não quero... nem rico... nem belo...

ELA- D isso que importa? Tem outras qualidades... A bondade, por exemplo...

ELE- Serviu-me de muito! Por eu ser bom é que todos fiaram de mim e que quiseram! E me reduziram a isto... a este farrapo... (Em tom implorante) Por amor de Deus, aceite morrer-mos juntos... Passai a minha vida sozinho, que ao menos possa morrer acompanhado... Vá, eu ajudo-a a subir. Dê-me a sua mão...

ELA- Mas que mania! Para que quer a minha mão?

ELE- Para não atirarmos os dois, ao mesmo tempo.

ELA- Não é preciso ser de mãos dadas.

ELE- Então como?

ELA- É muito simples, conta-se até três e saltamos.

ELE- Os dois ao mesmo tempo?

ELA- Os dois ao mesmo tempo.

EL - Conto eu?

ELA- Não se canse. Eu conto.

ELE- (a voz embargada pela emoção) Obrigado... obrigado por tudo...

ELA- Que ideia. Que fia eu para o senhor me agradecer... Está pronto?

ELE- (Heróico) Estou!

ELA- Então vamos. Um... dois... três!...

(Ruído de um corpo que cai. Silêncio. Depois um suspiro de alívio)

Até que enfim! Custou ver-me livre dele... Também, que andarão a fazer no mundo estes pobres diabos...

(E de repente começa a gritar) Socorro! Socorro! Um homem atirou-se do muro abaixo! E quis arrastar-me com ele! Socorro! Socorro! Socorro!

